



Almir Junior / Divulgação

**TEATRO SESC PELOURINHO**  
O espaço volta a receber eventos.  
Hoje tem Enio Bernardes & Siri  
Catado. Amanhã tem Dão (foto)

JOÃO GABRIEL VEIGA\*

Em comemoração ao Dia da Consciência Negra, o canal Futura estreia nesta sexta-feira (20) sua nova série documental, *Ágbára Dúdú – Narrativas Negras*. Dirigida por Silvana Moura, o seriado é um projeto pessoal para a realizadora e deriva de um trabalho que ela gesta desde 2005, quando fez um documentário sobre o terreiro Ilê Axé Opô Afonjá. “Tem um lado jornalista, do audiovisual, documentarista, com a visão crítica, mas também de uma pessoa que foi salva pela arte, pelo candomblé”, diz a cineasta, criada em uma família protestante mas que se redescobriu nos terreiros.

A série explora a vivência dos terreiros de candomblé e as histórias das pessoas que ali transitam, mas não quer discutir só a fé. Para Silvana, os terreiros são mais do que um espaço religioso.

“São museus vivos, na dinâmica mais potente de um espaço de cultura. São polos de resistência, de preservação de saberes”, defende a diretora, apaixonadamente.

“Essa série foi toda feita dentro dos terreiros pelo povo de santo, de axé. São memórias deles, conversas deles, opiniões deles sobre o mundo, e não só sobre o passado. Tocamos em diversos temas, desde questões de gênero, ecologia, arte negra, feminismo negro, liberdade religiosa, democracia... As conversas vão surgindo e os temas contemporâneos aparecem”, explica. Ao longo de treze episódios, ela busca colocar esse lado dos terreiros sob os holofotes, com destaque para as grandes figuras de liderança.

“Conheci mulheres que nunca abaixavam a cabeça, que não tinha nenhum problema de autoestima ou complexo de inferioridade. Elas são empoderadas, da maior força possível e potência da palavra”, diz Silvana. Como exemplos, cita Mãe Stella de Oxóssi, que descreve como “uma mulher absolutamente à frente de seu tempo” e “sábida”.

O interesse vem de casa, e Silvana conta que começou a partir da arte à qual ela era exposta: “Lá em casa sempre foi muito aberto à música, à dança, teatro, literatura, e eu comecei a perceber uma cidade que eu não vivenciava no meu colégio, nos meus ambientes de classe média. Uma cidade que eu só via através de Jorge Amado, de Dorival Caymmi, das pinturas de Carybé, e aquilo me encantava”.

O ponto de virada foi um carnaval onde ela viu o Axofé Badauê no Campo Grande, que ela considera um dos mo-

# Imersão no sagrado

**AUDIOVISUAL** Dirigida pela jornalista baiana Silvana Moura, a série documental *Ágbára Dúdú – Narrativas Negras* estreia no canal Futura mostrando o dia a dia dos terreiros



A beleza e a estética únicas dos rituais são mostradas pela...



Fotos: Silvana Moura / Divulgação

...diretora Silvana Moura, ao longo dos 13 episódios da série



A ialorixá Mameto Lúcia é uma das entrevistadas



Tata Bernardino também marca presença na série

**“Todos nós professamos amor ao próximo, é para isso que as religiões estão aí”**

SILVANA MOURA, diretora

mentos mais importantes de sua vida, e então decidiu investigar sua ancestralidade negra.

“Fui fazer capoeira no Pelourinho com mestre Curió, mestre King da dança. Comecei a fazer dança afro, não só balé clássico. E aí eu pensei ‘poxa, a gente vai pras igrejas católicas, vê a beleza da Catedral Ba-

silica, da Igreja do Bonfim, mas não vai pra os terreiros?’. E eu fui”, conta Silvana, trazendo uma questão que lhe é muito importante: por que não se conhece as histórias dos terreiros?

“A história do Brasil não conta a história de uma Mãe Senhora do Ilê Axé Opô Afonjá, de uma Mãe Menininha do

Gantois, e dos vivos que estão por aí, como Mãe Jaciara do Abassá de Ogum, um ícone na luta contra a intolerância religiosa. Foi por causa da morte da mãe dela, Mãe Gilda, que foi criado o dia 21 de janeiro, o Dia da Luta contra Intolerância. Imagine isso, que absurdo, num país laico!”, lamenta a diretora.

“Quando você pensa no mestre Didi, pensa em um grande escritor, dramaturgo, educador. Ele foi um dos primeiros a pensar em uma pedagogia afrodescendente e afirmativa. É um escultor premiadíssimo com exposições internacionais. Escreveu livros, um dos primeiros personagens de axé a escrever sobre axé... E quantas pessoas conhecem Mestre Didi? Não era pra ser reverenciado e conhecido por todos?”, Silvana questiona.

Ela relembra também da ialorixá Mãe Olga de Alaketu, que é de uma família real: “Uma mulher que é de uma sapiência incrível, que viajou para a África e foi recepcionada como uma rainha lá”.

**Uma luta de todos**

Para ela, *Ágbára Dúdú* é uma oportunidade para trazer visibilidade para essas narrativas afrodescendentes, com raros exemplos positivos na mídia, como Lázaro Ramos. “Urge ampliar essas vozes. Não é dar espaço, o espaço é delas”, explica. Silvana revela dificuldades, por exemplo, em encontrar quem financiasse o projeto: “Muitas emissoras não se interessavam e ficavam sempre com um pé atrás”.

Silvana espera com sua série espalhar conhecimento sobre a realidade dos terreiros e, assim, mudar a perspectiva do imaginário coletivo sobre esses que ela considera guardiões dos saberes. “Essa série é construída por pessoas lindas, cheias de amor no coração, que têm respeito e relembram sua história. Elas viveram momentos tristes e terríveis de perseguição e dor, mas não endureceram o coração. Elas não construíram um muro de pedra ao redor, muito pelo contrário. Essa é uma religião que dança, são deuses que dançam”, explica.

A consequência disso, para Silvana, é a reflexão sobre o racismo de cada dia, uma luta que pertence a todos. “Todo mundo tem que se posicionar, não importa se você é ateu, espírita, se é agnóstico, se você pratica feitiçaria Wicca... Todos nós professamos amor ao próximo, é para isso que as religiões estão aí, e não para quebrar nada, destruir... Isso não é religião, isso não é amor, isso é fanatismo”, ela reflete.

*Ágbára Dúdú* terá um episódio novo transmitido semanalmente pelo Canal Futura todas as sextas, às 22 horas. Os capítulos serão também disponibilizados online gratuitamente, através do Futura Play.

**\*SOB SUPERVISÃO DO EDITOR CHICO CASTRO JR.**

MÚSICA

## Terceiro álbum do pernambucano Zé Manoel reflete período em São Paulo

DANIEL FARIAS

Os espaços percorridos pelo cantor, compositor e pianista Zé Manoel, da cidade de Petrolina, onde nasceu, até São Paulo, passando por Recife, compõem as atmosferas dos discos do artista. “O primeiro (*Zé Manoel*, 2012) tem muito a paisagem do sertão, aqui em Petrolina, na beira do São Francisco, e no *Canção e Silêncio* (2015) já estava morando em Recife. É um disco que fala de mar, de um encantamento com o mar, vindo do sertão”, diz o músico, da sua cidade natal, onde está visitando a sua família.

Em outubro, Zé Manoel lançou o seu terceiro disco solo, *Do Meu Coração Nu*, pelo selo Joia Moderna, e que está disponível para audição nas plataformas digitais. O trabalho marca as suas experiências em São Paulo, onde morou nos últimos cinco anos, como muitos nordestinos, por motivos profissionais, ao tempo que traz questões e

posições políticas, principalmente sobre temas raciais.

“Já vinha pensando em trazer esses temas para o meu trabalho. Queria trazer esses assuntos, mas com um domínio da construção das narrativas. Não queria fazer essa transição sem me sentir seguro para falar e soar como uma música minha. Sempre falo de coisas atemporais, o rio, o mar, o amor, e nesse álbum estou falando de atualidades, mas que são antigas”, detalha Zé Manoel.

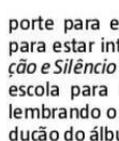
O artista conta que, ao chegar em São Paulo, observou uma presença significativa de pessoas negras, o que, em sua visão, não é dito quando se descreve a população da cidade. “Se fala muito dos imigrantes italianos, japoneses. E percebi que é uma cidade bastante negra também. A gente não escuta sobre a quantidade de pessoas pretas, nordestinas, indígenas, miscigenadas naquela cidade”, afirma.

**Sensível e potente**

O resultado é um disco sensível e, ao mesmo tempo, potente. Na primeira faixa, *História Antiga*, lançada como single, Zé Manoel anuncia a intenção de contar uma história tão antiga em 2019, quando compôs a música. Mas a faixa, como revela o artista, refere-se a questões de todas as épocas desde a diáspora africana e a chegada dos negros ao Brasil.

Já em *Pra Iluminar o Rolê*, pede a Deus que “ilumine orolê” de todas as pessoas que, de diferentes formas, ainda são oprimidas e sofrem violência no país, e traz, em *Escuta Beatriz Nascimento*, uma fala contundente e amorosa da historiadora e ativista morta precocemente em um crime de feminicídio.

O músico baiano Luísão Pereira, ex-Penélope e Dois em Um, ficou responsável pela produção. Ele já acompanha, como instrumentista, Zé Manoel nos shows. “Tudo foi pensado junto. Luísão deu su-



porte para eu me expressar, para estar inteiro ali. E o *Canção e Silêncio* já tinha sido uma escola para mim”, conta Zé, lembrando o processo de produção do álbum anterior, feito por Miranda e Kassin.

**Conexões**

O disco tem participações da cantora e compositora baiana Luedji Luna, em *Não Negue Ternura*, uma canção “sobre amor preto eceitação”; da poeta Bell Puã, em *Prelúdio pra Iluminar o Rolê*; do maestro Letieres Leite,

Máquina / Divulgação



em *Escuta Letieres Leite*, um áudio musicado que foi enviado por Letieres no WhatsApp para Zé Manoel sobre a matriz africana e negra da música brasileira; e dos pernambucanos do Grupo Bongar.

“Foram escolhas feitas tanto pelo afeto, como pela proposta do disco. Eu e Luedji chegamos em períodos parecidos em São Paulo. Ela é uma das artistas que mais admiro. E também admiro muito Bell Puã. Já tinha trabalhado com Letieres e queria ter ele no dis-

**Produzido por Luísão Pereira (ex-Dois em Um), Do Meu Coração Nu tem participações de Luedji Luna e Letieres Leite**

co. E o Grupo Bongar é formado por amigos, estava no primeiro disco e participaram de shows importantes meus em Recife”, conta.

A apresentação ao vivo de *Do Meu Coração Nu* não deve acontecer em 2020. Mas o cantor, compositor e pianista pretende realizar o espetáculo ano que vem. “Quando a gente puder se reunir em estúdio, a primeira coisa que vou fazer é esse show, para ter ele pronto”.

Ainda sobre conexões, Zé Manoel participou a distância do registro do próximo trabalho de Adriana Calcanhotto, ao lado do guitarrista baiano Chibatinha (ATTÓXXÁ), e outros músicos, e também gravou os pianos do próximo disco de Maria Bethânia, dirigido por Letieres Leite, que ainda não foi lançado.

“Foi um processo muito rico. Me via ali gravando ao vivo com Bethânia. Algumas faixas voz e piano foram feitas na hora, ela cantando e eu tocando piano. Olhava para o lado e pensava: ‘não acredito’”, completa.